

A reflexão na Arte e na Ciência: seriam as perguntas mais importantes que as respostas?

1. Pedro, o grande artista por trás do Gurulino, é uma honra bater esse papo com você! Conta para gente: antes de optar pela educação superior em Artes Visuais na Universidade de Brasília (UnB), como surgiu sua conexão com a arte em seus primeiros anos de vida e na educação escolar? Em que momento você decidiu se dedicar profissionalmente à Arte?

Pedro – A minha conexão com a Arte nos primeiros anos de vida surgiu através da minha mãe, ela é uma grande desenhista e desenhava para moda em São Paulo, onde ela nasceu. Desde pequeno, eu convivia com ela mexendo com papel, lápis, tinta... Aquele cheiro de tinta na casa. Ela sempre fez coisas relacionadas ao desenho e às artes e isso me motivava bastante. Eu pegava os livros da estante, gostava das ilustrações dos livros e tentava fazer uma versão minha.

No colégio eu comecei a me interessar pelas aulas de artes, comecei a ganhar certo destaque, senti que eu tinha um prazer de ficar horas ali rabiscando, colorindo. E aí desde pequeno, eu fui o desenhista da sala, é aquela coisa, você começa a ser notado por essa habilidade, mas também porque você gosta de estar ali. Então realmente desde pequeno, desde que eu me entendo por gente, eu estou desenhando.

A minha decisão de me dedicar profissionalmente foi diferente. Eu acho que a nossa questão de ser brasileiro e viver no Brasil, que tem uma cultura extremamente potente em relação ao mundo inteiro, nossa cultura brasileira é uma das coisas mais potentes que existe, a forma como



Pedro Sangeon / Divulgação

Pedro Sangeon

Artista urbano, desenhista, graduado em Artes Visuais pela Universidade de Brasília (UnB). Pedro foi estudante da rede pública praticamente toda a vida, passando pela antiga Escola Normal de Brasília e Caseb, ambas da Secretaria de Educação do Distrito Federal. Convidado para vários projetos através do Fundo de Apoio à Cultura (FAP), Pedro fazia oficinas de arte-educação em contrapartida, sendo professor itinerante para crianças e adolescentes em vários colégios e escolas classes do DF. Desde 2001, faz intervenções urbanas na rua, de cartazes a performances e eventos de arte independentes. Teve um coletivo chamado *Asterisco* que ganhou alguns prêmios no circuito artístico da época e foi retomado anos depois para criar um bloco de carnaval de bicicletas, o *Bicicobloco*, que foi premiado pelo GDF. Desde 2015, Pedro publica aos domingos as tirinhas do Gurulino em uma coluna no *Correio Braziliense*. Foi capa da *Revista Traços*; recebeu três prêmios da Secretaria de Cultura e Economia Criativa do Distrito Federal pelo trabalho de arte urbana; foi reconhecido como ícone do *design* contemporâneo brasileiro pela Unesco e CCB. Em 2023, recebeu a *Medalha do Mérito Cultural Seu Teodoro*, a maior honraria que um artista pode receber, pelos serviços prestados à Cultura do DF.

Entrevistadora:

Carolina Carrijo Arruda (SEEDF)



o artista se estabelece e vive da sua arte é muito cruel, né? É um país que tem uma cultura muito forte, que tem artistas maravilhosos, mas que ao mesmo tempo faz da vida do artista um caminho quase impossível. O artista que vive de arte a sua vida inteira normalmente é herdeiro ou ele tem um nome, alguma coisa que apoie ele financeiramente, pessoas da família ou interessados que estão ali apoiando.

A questão de simplesmente você se sustentar por talento é muito raro e muito pequeno no Brasil. O artista está sempre está se virando para poder se manter artista. Ele sempre está duvidando se ele vai conseguir continuar sendo artista e viver uma vida digna. Então, às vezes, tem que se desdobrar em mil trabalhos. Você faz outros trabalhos, vira *freelancer* para poder se manter artista.

Tem uma crise de identidade também, afinal, se eu faço um serviço público, se eu presto um concurso, eu vou ter tempo para me dedicar para as artes? Eu vou ter recurso, matéria-prima para criar algo interessante? O que muitos passam, né, que deixam de



Imagem de Pedro Sangeon

ser artistas, deixam de ter um universo rico, subjetivo, no momento que passa a trabalhar com funcionalismo público ou qualquer outro emprego laboral. A vida de artista é muito difícil e é muito difícil manter essa vida durante os anos.

O momento que eu decidi ser artista... Eu acho que tem a ver com a entrada na UnB. A primeira coisa que eu pensei em fazer como profissão era algo relacionado ao desenho. Eu escutei de pouquíssimas pessoas, principalmente da minha família... Eu não tinha uma perspectiva de que uma pessoa que se considerasse artista podia estar fazendo uma profissão. Então, apesar da minha mãe ser desenhista, não existia esse incentivo, nem por parte dela, nem do meu pai, nem do resto da família, de que isso era profissão. Por mais que eles não eram críticos diretos, eles faziam indiretamente, que era uma coisa meio de piada, zombar.

Então, eu tiro por mim e pelos meus colegas, a pessoa termina tendo que superar esses obstáculos para poder levar para frente. Eu terminei dando a sorte de conhecer pessoas que já faziam curso de artes na UnB, antes de fazer minha inscrição no vestibular, que me apresentaram a faculdade e eu entendi que aquilo era uma profissão, né? Era um caminho de estudo, principalmente. Não uma profissão, mas um caminho de estudo porque ela te forma muito mais como pessoa.

O trabalho de arte ele vai te moldando como pessoa, humana, dentro das ciências humanas, só que não te prepara muito bem para o mercado. Por exemplo, o mercado que eu fui preparado, que hoje basicamente nem existe mais ou ele é muito elitista, coisa que eu não entro né, não tenho perfil, não tenho sobrenome. É uma formação complicada porque ele não te prepara para o mercado que existe para a arte. E é isso, a gente vira *freelancer* e hoje a gente tenta ser a nossa própria empresa. A gente vive a custa dos nossos seguidores, nossos fãs, as pessoas que curtem o trabalho e que apoiam a gente.



Foto de Sergio Lima

2. As diferentes linguagens são essenciais para o desenvolvimento humano de forma integral. Sabemos da potência da educação e da arte na formação de uma pessoa; as duas juntas, então...! A arte de rua tem um amplo alcance, quem por ali passa pode apreciar a obra exposta a céu aberto, para todos e todas. Essa tendência pode ser usada como uma ferramenta educacional?

Pedro – Sim, eu super acredito nessa relação entre arte e educação, acho que um complementa o outro. Acho que da mesma forma como educar alguém é uma arte, as artes também fazem esse papel inevitavelmente de educação. Ela é uma linguagem de educação, é uma forma de se encontrar no mundo. Acho que a arte fez isso por mim. Apesar de eu chegar na universidade teoricamente educado, eu fui reeducado lá. A minha percepção do mundo expandiu bastante, especialmente quando eu comecei a entender a possibilidade de trabalhar com arte na rua.

As pessoas me confundem às vezes com grafiteiros. Eu super aceito o elogio, mas de fato eu não posso assumir a posição de grafiteiro porque o grafiteiro vem do *graffiti*, um derivado do movimento *hip hop*, que é um movimento de contracultura e de resistência da periferia com o centro.

O meu caminho para chegar no muralismo na rua e na arte urbana foi via universidade, foi via o olhar do artista que está sendo formado ali dentro para trabalhar com arte para galeria, mas que, em algum momento, eu tive a sorte de ter professores que me abriram essa percepção de que o trabalho de arte não está preso às galerias, às exposições de arte, aos museus. Ele pode estar na rua e ele tem uma forma de ser feito. Ele pode estar expandindo as suas armas, as suas ferramentas, para não funcionar somente de forma estética, mas de forma política. Porque a partir do momento que você coloca um trabalho na rua, ele ganha muito mais braços e ele se transforma numa força de educação e de política.

Então, a arte urbana inevitavelmente fala sobre política, querendo ou não. E não quer dizer que, porque é considerado arte urbana ou é um desenho que está no muro, ele é contracultura. Ele pode estar ali como uma publicidade também, reforçando os preconceitos, acentuando as diferenças, reforçando a linguagem do *status*

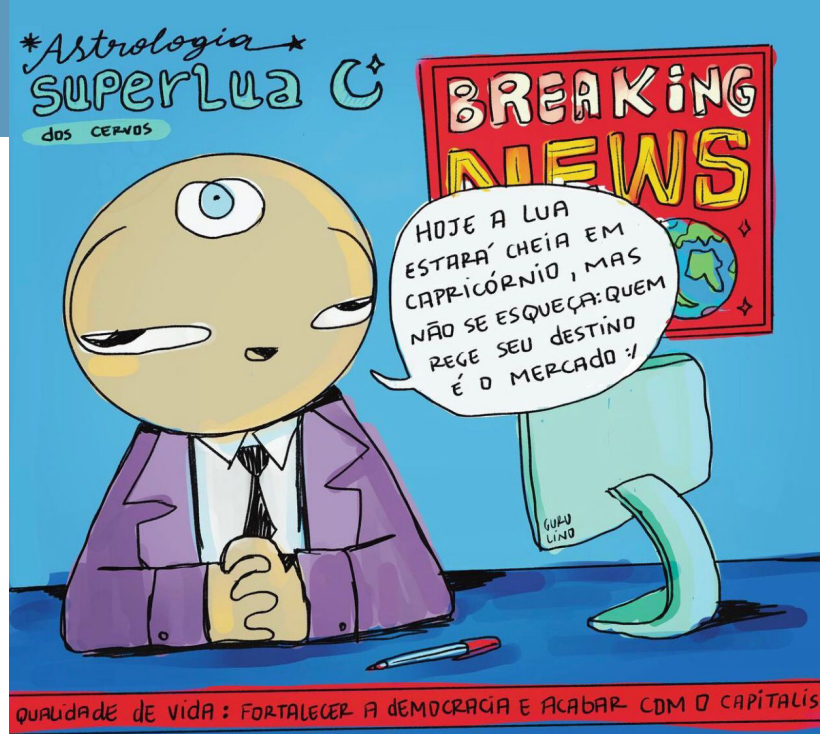


Imagem de Pedro Sangeon

quo e esse padrão que o sistema capitalista impõe sobre a gente.

Nem todo o trabalho de arte que está na rua é contracultura ou subversivo, não é só pelo fato de ele estar na rua, mas ele pode estar ali reforçando. Não é à toa que a publicidade é tão rica, move tanto dinheiro, tanta economia. Não é à toa que a *Coca-Cola*, uma marca que vende um produto que é praticamente um veneno para a saúde, é extremamente consumida no mundo inteiro há muitas décadas e ainda assim eles gastam muito dinheiro para alugar um *outdoor* numa fachada, numa lateral de um prédio de mais de 20 andares para poder colocar a garrafa deles e escrever *Abra a felicidade*. Se isso não funcionasse, esse tipo de empresa não estaria gastando dinheiro com publicidade, grafites, etc. para continuar mantendo as pessoas iludidas com uma ideia.

Então, sim, arte urbana é uma contracultura e uma subversão no momento que você usa a rua como *outdoor* para dizer algo diferente e às vezes, muitas vezes, porque é necessário, oposto às ideias de consumo capitalista que tanto destrói não só a natureza, mas a nossa própria natureza, o nosso raciocínio, a nossa forma de entender coletividade, sociedade e etc.

3. Como você promove isso através de seus trabalhos?

Pedro – Minha vontade de fazer trabalhos na rua, de fazer arte urbana, ela passa por esse lugar subversivo, de subverter o caminho que já está dado como normal, natural, correto. Então, a ideia

do Gurulino é, em primeiro lugar, um trabalho de camuflagem de arte, no sentido de usar os elementos estéticos que possam alcançar as pessoas de uma maneira agradável, rápida e de forma simpática, sem atrito, mas que junto dessa simpatia, desse aconchego, exista uma mensagem que possa causar um nó, uma reviravolta no cotidiano do raciocínio padronizado, dado como normal e como correto, que tanto obriga a gente a ser de um jeito específico.

O dia na cidade amanhece dizendo para você como você deve ser, como você deve se comportar. As pessoas que pensam que isso não acontece estão pensando de forma muito ingênua. A cidade de madrugada é preparada para que você acorde e veja as coisas como a cidade quer, como o sistema quer. Então, que você pense que você está fora do padrão, que você está fora do peso, que você está fora do correto, que você não está na moda, que você não tem o que você deveria ter, que você tem pouco dinheiro, que você tem que ter mais, que você tem que consumir certo produto, que para você ser uma pessoa legal você precisa fazer isso, aquilo.

Então, todas essas informações que são impostas sobre as mentes das pessoas, que causam essa indução de obrigações para além de cumprir suas necessidades básicas, como uma casa confortável, um alimento, um ciclo de amizades e família que sejam satisfatórios, que você se sinta bem como ser humano, a gente fica obrigado a botar atenção em coisas supérfluas e desnecessárias como se aquilo fosse muito importante. E isso está especialmente programado diariamente, todas as noites, para que o dia acorde e te obrigue a botar atenção nessas coisas.

Nesse sentido, o meu trabalho de arte urbana é para causar uma disfunção nesse circuito, para que possa, em alguns momentos, a pessoa ter um respiro ali, de falar “ué, que coisa estranha isso aqui, é diferente isso aqui, está me propondo outra coisa”. Então, é usar das próprias ferramentas que o sistema usa de persuasão, mas de uma forma libertária, de uma forma autônoma, criando saídas de respiro para essa loucura mental que a gente vive do sistema.

4. Que dica você daria a nossos/as estudantes e professores/as para nutrirem a criatividade?

Pedro – Olha, acho que são muitas, mas muitas vezes as pessoas têm medo e esse medo é muito superficial. Então, eu super aconselho: é importante as pessoas considerarem que não existe um sistema de troca. Eu acho que o que mais cancela a criatividade na mente das pessoas é quando elas acham que o mundo é um espaço simplesmente de troca daquilo que está dado. Então, “ah, eu agora vou fazer um curso de criatividade”, aí a pessoa vai lá no sábado e domingo para fazer um curso de criatividade achando que vai sair de lá mais criativa. E a ideia da criatividade não é essa. Por isso, existe tanto preconceito com os artistas quando eles falam sobre o ócio criativo, por exemplo.

O que é o ócio criativo? É um espaço onde você não está fazendo nada específico. Isso é muito importante, não fazer nada específico. Eu vejo pelas pessoas que eu convivo, que são de outras áreas, a dificuldade que elas têm de simplesmente não fazer nada específico. O não fazer nada específico é o espaço possível da criatividade.



Imagem de Pedro Sangeon



Imagem de Pedro Sangeon

As coisas se criam a partir de espaço. Se você tem um espaço cheio, não existe espaço para mais nada. Você precisa de, pelo menos, uma sala vazia no seu subjetivo. Vamos pensar que o subjetivo é uma casa, a gente precisa dessa casa um pouco vazia. Ou, se possível, toda vazia. Você esvazia sua mente e o seu subjetivo, para dar espaço para que algo novo apareça. E para isso normalmente a gente precisa de tempo. O tempo de ócio, que é um tempo sem fazer. Só que as pessoas não têm mais isso, não se dão direito disso. E isso também é outra imposição que o sistema coloca para a gente hoje como algo que é obrigatório e de *status*.

E o que acontece é que as pessoas adoecem. O problema de saúde mental hoje é incrível porque as pessoas não se dão direito a ter espaço, espaço mental, no subjetivo, espaço subjetivo. Então, ou elas estão ocupadas com o trabalho, ou elas estão ocupadas com o diálogo interno, ou elas estão ocupadas “falando abobrinha” com outras pessoas, falando coisas que nem elas querem conversar, ou elas estão ocupadas vendo um filme, elas estão ocupadas sempre... elas se ocupam.

O entretenimento é um espaço terrível de ocupação da subjetividade humana, fonte de criatividade. Então, enquanto esse lugar estiver totalmente ocupado, não existe fonte criativa possível. Desocupar esses territórios da mente, desocupar o subjetivo, dar espaço pra ele. A natureza é um lugar muito bom pra fazer isso. Caminhar é uma forma muito boa pra fazer isso. Caminhar pra não fazer nada, caminhar sem celular, caminhar sem tirar foto, caminhar e olhar e observar. Observar o mar,

observar a montanha, observar a natureza, observar os pequenos seres, os insetos. Enfim, tomar tempo. Tomar tempo pra não fazer, pra dar espaço pro subjetivo ter chance de ser criativo.

5. A arte pode ser uma das formas de expressão das emoções, além de potencializar e transformar sentimentos e estados de espírito. O caráter contemplativo do Gurulino repousa nisso?

Pedro – Olha, eu acho que sim, a arte tem essa capacidade de expressar emoções, de potencializar e transformar os sentimentos e os estados de espírito, porque a natureza da arte é essa. Não só essa. Essa é uma das características. A arte tem potenciais enormes. E os artistas estão aí por vários séculos provando que a arte funciona em diferentes formas de atuação e formas de ser. Tanto que a gente tem “mil” formas de arte.

As pessoas às vezes se confundem e ficam pensando em arte como algo bonito. Ficam com saudades de artes que expressam isso ou aquilo e perdem a oportunidade de, por exemplo, ir em uma bienal e ver um trabalho muito estranho e não se dá o direito de pensar “por que o artista está fazendo isso?”. Por que a arte hoje está fazendo uma coisa diferente do bonito? Por que tem trabalho de arte hoje que é feio? Por que tem trabalho de arte hoje que não tem nenhuma emoção? Por que tem trabalho de arte hoje que fala sobre política e não sobre beleza?

Essas são questões que as pessoas deixam de se perguntar quando estão em uma exposição de arte porque elas estão querendo basicamente ver algo bonito. Isso é sintoma de que faltam outras coisas, não arte, mas que falta, por exemplo, um lugar de acolhimento, uma terapia.

Hoje as pessoas vivem uma vida tão estressada, que gasta tanto elas emocionalmente no dia a dia, que quando elas vão em uma exposição é um momento de folga delas. É um momento de descanso e elas não suportam ver uma exposição que vai provocá-las mais, porque elas já estão provocadas pelo sistema, pelo dia a dia, pelas tensões do dia. Então, elas ficam bravas com a exposição, elas ficam desgostosas com os artistas, com aquele trabalho de arte que está provocando elas, dizendo que ali não é para isso. E as pessoas terminam indo embora das exposições revoltadas porque a arte não está dando aquilo

que elas gostariam, mas talvez elas estão buscando no lugar errado.

A arte não está feita só para te dar isso, ela também pode te dar isso, mas não é o lugar dela cumprir essa única função terapêutica para o público. O público precisa entender que a responsabilidade de se cuidar terapeuticamente, psicologicamente, mentalmente, é dele. Então, não é essa a função da arte.

Muitos clientes me procuram querendo uma coisa desse jeito. Porque elas veem no Gurulino uma ideia de relaxamento, de esperança com o mundo e muitas vezes elas me buscam nessa perspectiva de “eu quero uma coisa bonita, bela, relaxante” e na verdade a arte não está para prestar exatamente esse serviço. Ela também pode prestar isso, porque faz parte dela, mas especialmente ela serve para mostrar como nós estamos, é um reflexo.

Então, a pessoa vai numa exposição e se ela não tem paciência ou ela se sente amarga ao ponto de não gostar de tudo aquilo que está ali, porque ela gostaria de ver algo belo, algo reconfortante, talvez ela esteja precisando de uma terapia, amizades mais próximas... Talvez ela esteja muito distante das pessoas, talvez ela esteja sem abraços, sem aconchegos, sem uma conversa honesta, sem uma troca afetiva. E esses são aspectos que ninguém pode cumprir a não ser a pessoa por ela mesma e hoje o sistema não deixa a gente fazer isso.

Imagem de Pedro Sangeon

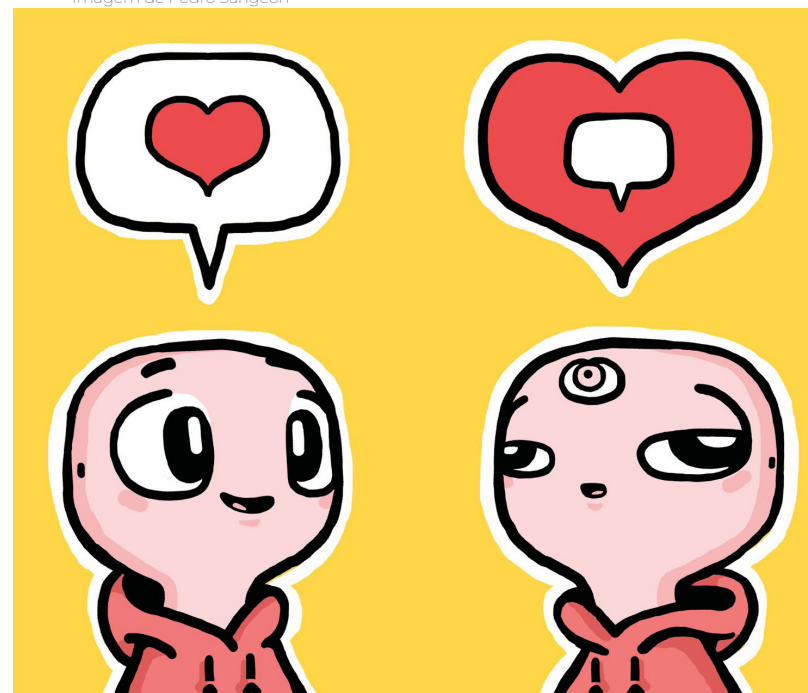


Imagem de Pedro Sangeon

Se você deixar o sistema cuidar de você, ele não deixa você ter momentos de relaxamento e momentos afetivos. Ele exige de você performance e resultado competitivo 24 horas. Até sua rede social que era para você estar ali se divertindo ou vendo o seu amigo se divertindo, postando coisas que ele gosta. Na verdade, as pessoas competem para ver quem é mais feliz e quem posta mais coisas legais. Então, o sistema não te prepara para estar bem. A arte não quer te atrapalhar, mas ela quer te revelar uma situação do tipo “Olha, talvez você esteja precisando disso” e esse é o lugar mais honesto. Talvez por isso a arte é tão preciosa.

6. O Gurulino parece conciliar a perfeita simbiose entre razão e emoção. Você concorda?

Pedro – Assim, a minha intenção com o Gurulino, que a princípio são dois personagens, o Lino e o Guru, e tem vários outros personagens, sendo o Lino o personagem principal que vai acessando esses outros personagens. Conforme ele pergunta, ele recebe essas respostas.

Eu não considero exatamente essa simbiose entre razão e emoção, como se o Lino fosse emoção e o Guru fosse razão ou vice-versa. Mas especialmente eu acho que a mecânica do Gurulino é uma tentativa dentro desse espaço, que eu aprendi durante vários anos sobre técnicas contemplativas e meditativas e que foi motivador para criar esse desenho, de ver como a mente consegue um comportamento mais autônomo, mais livre, mais desenrolado. Se a gente consegue dar para a mente outro tipo de alimento ou fazer pequenas faxinas mentais de tudo que a gente absorve do mundo à nossa volta, podemos acessar isso. E isso traz uma sensação muito prazerosa de liberdade e de paz.

Então, essa ideia de paz interior, de criatividade, de bem-estar, acho que tem muito a ver

com dar possibilidades para a mente se comportar de forma maleável, de diferentes maneiras. E as práticas contemplativas e meditativas permitem isso. E eu acho que o Gurulino é uma tentativa de lembrar isso para as pessoas. O quanto elas podem estar freneticamente perdidas dentro de pensamentos repetitivos e compulsivos, que terminam estressando o corpo em geral e criando problemas de saúde e obstáculos.

Se você para um pouco, se você abre espaço, se você respira bem, se você deixa o corpo ou a sua mente ser mais plástica, no sentido de mais opções e flexibilidades, de formas de pensar, de expandir sua forma de considerar o que é certo, o que é errado no mundo... Refletir mais sobre as várias formas de existência e permitir com que essas coisas habitem o mundo ao seu redor e dentro de você. Isso vai dando plasticidade para a sua mente. Expansão para a sua mente. Vastos salões na sua subjetividade que dá margem para que nasça coisas como criatividade, paz interior, etc.

Então, acho que está mais dentro desse espaço a noção de que a gente pode ser tranquilo, paciente e pacífico não mora na qualidade em si, mas na condição que a gente deu para nossa mente, para o nosso espírito relaxar, estar em paz. Ganhar esse cuidado para que ele possa expressar esse tipo de sentimento no mundo. Não é uma busca pelo sentimento, mas é uma busca por mais espaço interior. E o fenômeno desse espaço interior acontecendo, a derivação disso, são essas qualidades, esses sentimentos de paz, bem-estar.

7. Como você explicaria o fato do Gurulino conquistar tantos admiradores? Deixe um recado para incentivar nossos/as leitores/as a terem “um gurulino” dentro de si.

Pedro – Eu acho que os personagens do Gurulino conquistam admiradores de acordo com os períodos de crise que a gente vai passando como sociedade, como indivíduo. Por exemplo, durante a pandemia, o Gurulino ganhou uma relevância muito significativa. Ele já tinha uma presença muito grande na cultura de Brasília. Com a crise que a gente viveu, principalmente pelo fato da gente não poder conviver mais socialmente, não poder realizar nossas funções normalmente, não saber para onde a gente ia, se a gente ia sobreviver ou não... as questões de entretenimento e tudo tiveram uma

crise também. Tudo isso fez as pessoas, inevitavelmente, serem forçadas a refletir um pouco mais sobre a própria vida. E nesse momento o personagem ganhou mais relevância, porque é sobre isso que se trata.

Agora num pós-pandemia, o que dá para sentir é que continuamos com o nosso público aqui, porém, existe uma oscilação, que é uma necessidade das pessoas voltarem ao ritmo que elas tinham antes, como se aquilo fosse representante da própria personalidade. Então, elas precisam voltar a certos vícios, a certo comportamento desleixado consigo mesma, uma coisa para se sentir vivos e longe de crises de novo. As pessoas têm muito medo da crise.

A crise, para o sistema, é negativo. Para as religiões, também. É como se fosse o demônio, como se fosse uma coisa ruim, como se fosse uma morte e como se a morte fosse uma coisa ruim. Só que a gente convive com a morte diariamente, em vários sentidos. Pequenas mortes, mortes de pessoas queridas, mortes de momentos de vida, morte das coisas que acabam, morte de um trabalho, de um projeto, de um relacionamento, de uma coisa que acabou, de um pet, de uma planta, de uma viagem. Várias coisas acabam. E essa coisa da finitude das coisas virou uma espécie de tabu enorme, tanto religioso quanto social. As pessoas se afastam disso.

São nos momentos de crise que o personagem ganha mais relevância. Como a gente teve uma crise coletiva gigantesca, mundial, ele ganhou bastante força. Deu para eu sentir o quanto as pessoas buscavam por coisas e conteúdos assim. Quando a gente sai de uma crise coletiva mundial como a pandemia, a gente volta para um estágio onde quem busca por isso são as pessoas que têm interesse real naquilo, grande parte do público é esse, mas também pessoas que estão passando por crises individuais. E aí essas pessoas vêm, buscam, se identificam e estão ali. Considerando que crise individual não é só o momento que você está se sentindo mal, não é esse momento, é o momento que você começa a se perguntar sobre a sua própria vida. Isso não quer dizer que é um momento ruim.

A crise não é um momento ruim, é um momento de pergunta, de amadurecimento. É um momento que você fala “Ué, mas o que eu estou fazendo aqui? Por quê?”. Então, o universo do Gurulino fica dentro desse espaço que é para todo mundo, que são perguntas coletivas, perguntas

existenciais, filosóficas, enfim, é esse espaço que a gente fica tentando criar aqui. E, com humor, tocar o barco, se divertir, rir um pouco disso e passar por essas etapas.

A ideia do Gurulino é que todo mundo já tem o seu. É uma questão mesmo de você prestar atenção neles. Essa ideia do guru, a palavra em si é muito bacana, porque ela tem a ver com professor. Basicamente, é a palavra que se usa para professores no Oriente. E todo mundo tem o seu. Em algum momento da sua vida, você vai ter um guru. Não é uma pessoa fixa, normalmente são momentos. Todo mundo tem seus momentos de aprendiz, momentos de professor. E às vezes é sem querer, a gente nem sabe que foi um guru para alguém. A gente termina influenciando a vida de alguém sem saber. É mais ou menos por aí. Acho que é mais você botar atenção.

Se você quer sentir que tem esse Gurulino dentro de si, é mais botar atenção, porque ele já está aí. Nas tirinhas, nas histórias, a gente pensa da seguinte maneira: o Lino é sempre aquela força da pergunta, que gera a pergunta. E a pergunta que gera sempre o movimento. O Guru é a resposta. E a resposta ajuda você a querer se mover em direção a ela. Mas o importante realmente são as perguntas. É o que faz tudo acontecer.

Então, o momento de crise é o momento da pergunta. A gente tenta criar uma nova cultura com a crise. Ao invés da pessoa se sentir mal, que está em crise ou achar que ela é menor, na verdade ela está num momento ótimo, um momento muito importante de vida. Que é o momento de transformação, o momento que ela faz a pergunta para que ela possa se mover. E quanto melhor a pergunta, melhores as respostas. Então, capricha!

No momento de crise, anota, pega um caderninho para esse período, porque ele passa. Normalmente, a gente fica com tanto medo dele, ou acha ele tão ruim que a gente fica só paralisado e não consegue aproveitar os benefícios de amadurecimento do momento de crise.

Então faz um caderno, anota as perguntas, reflete, tenta expressar como você está se sentindo no momento da crise, porque depois aquele



Imagem de Pedro Sangeon

momento vai passar e quando ele passar, você vai olhar para aquele caderno e vai falar “Olha, eu estava assim, olha que doido” e você vai assimilar aquele processo para depois. Então, é tipo um mapa do tesouro sobre você mesmo. É aquela ideia tão difundida sobre autoconhecimento, é mais ou menos por aí que vai acontecendo. Isso é importante.

8. Na ciência, muitas vezes as perguntas são mais importantes do que as próprias respostas, uma vez que ela é desenvolvida a partir da construção, desconstrução e reconstrução do conhecimento. Pensamos em você para contribuir com a Revisa Com Censo Jovem porque, além de seus trabalhos primorosos, enxergamos claramente o reflexo dessa concepção no Gurulino. O que você acha? Não podemos (nem devemos) deixar de notar a expressão do pensamento crítico e reflexivo através do Gurulino. Fale um pouco sobre isso.

Pedro – Que engraçado, eu acabei de falar sobre isso aqui, a quarta pergunta era sobre isso, da pergunta e resposta. A ideia é justamente essa. Eu me sinto muito honrado de me aproximar de um raciocínio científico, mesmo falando de algo que a gente considera espiritualidade. Na minha concepção de tudo que eu investiguei de espiritualidade, o processo para quem leva a sério mesmo, sem esse ego espiritual de estar ali como uma pessoa boa, uma pessoa iluminada, uma pessoa divina, como as religiões fazem a gente acreditar... isso termina sendo uma coisa tóxica.

Hoje a gente fala muito de relacionamento tóxico. Eu acho que a forma como as religiões, não aqueles que deram conhecimento espiritual para a gente, mas especialmente como a estrutura das religiões se estabelecem, elas são muito tóxicas



Imagem de Pedro Sangeon

para as pessoas, no sentido de criar nelas ilusões tremendas de objetivos, como se existissem objetivos limpos, claros, iluminados, perfeitos, divinos. Essa é a parte realmente tóxica desse tipo de conhecimento que é impreciso, que não é palpável. E a ciência tenta trabalhar sempre com o que é palpável ou, pelo menos, fazer os estudos e só concluí-los quando eles estão palpáveis. Até então, o processo é muito parecido porque se trabalha dentro de um espaço de especulação. “Será que...? Pode ser que...?”. E isso é o mesmo processo do espaço religioso ou espiritual.

Então, esse distanciamento que aconteceu entre o processo de reflexão, tanto religioso, quanto filosófico, quanto científico, esse distanciamento é uma pena. Obviamente, é claro que se você gasta dois minutos pensando nisso, você rapidamente vai ver o quanto é um jogo de poder, simplesmente. São pessoas que usam da má fé e usam da crença do outro para manipular e ganhar poder, porque o processo em si de investigação espiritual de si mesmo é muito similar com o processo científico de investigação. Você necessariamente precisa passar por essas questões de perguntas, perguntas, perguntas... E as perguntas movem você em certas direções que muitas vezes você não vai ter resposta nenhuma.

As respostas, quando acontecem, não são o lugar importante. Os benefícios que você recebe são outros, tem a ver com o processo de entendimento e não com a resposta em si. Então, é muito similar. Com a diferença que a ciência te dá, foi se estruturando para dar segurança para

o pesquisador de que ele tem o espaço dele, o espaço pessoal dele preservado, ele pode ir investigando, expandindo a consciência dele através de métodos. E se relacionar com o outro ou com alguém que acaba de começar na ciência, através de método para não usar de imposições e jogos de poder, o que na religião não acontece. Então, fica à merce do caráter, da índole de pessoas que não têm caráter nem índole e terminam usando o poder para transformar os objetivos de investigação pessoal em dogma.

Então é isso, acho que o Gurulino é uma tentativa disso também, de desfazer essa ideia do guru, da religião que está te trazendo a salvação para alguma coisa, e te trazer para um espaço de investigação pessoal. De não perder oportunidade linda e rica de se conhecer e conhecer o mundo. De se dar oportunidade de se questionar sobre as coisas. De não ter as coisas certas escritas num livro, como se o livro estivesse falando, a vida é assim, mas se permitir questionar sobre a vida. A vida é muito curta para não se questionar.

9. Recentemente você foi convidado pela Organização das Nações Unidas (ONU) para realizar um trabalho sobre os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS). No último Circuito de Ciências das Escolas Públicas do DF, esse foi o tema central sobre o qual os/as estudantes e professores/as de todas as modalidades e etapas puderam se debruçar e desenvolver projetos de pesquisa inspiradores. Como foi para você ser convidado pela ONU para este trabalho?

Pedro – Esse convite da ONU para fazer um mural na sede da ONU sobre os ODS foi para mim um dos marcos pessoais, profissionais, mas especialmente para mim, Pedro, que estou por trás aqui da minha profissão, um dos momentos mais importantes para mim e de satisfação pessoal mesmo. Porque o meu trabalho não tem um lugar onde você vai lá e vê tudo e fala “olha, isso é isso”. Ele não tá definido como um trabalho que fala sobre isto, isso ou aquilo, né?

As pessoas quando me convidam para fazer algo tem a ver com o que elas assimilam dos murais, das tirinhas. Então, é uma percepção muito subjetiva de cada um. E quando eu sou convidado pela ONU para um momento de comemoração,

aniversário da ONU, desse momento de trampolim para os ODS, estabelecer novos parâmetros para um mundo melhor e quando eles encontram no Gurulino essa voz... Eles olham e, de tudo que eles podem fazer, eles pensam “cara, o Gurulino é o desenho que a gente quer que represente esse desejo de esperança para 2030, com os ODS, para um futuro melhor para o mundo”. Isso para mim é incrível! É emocionante demais. Porque eu sinto que o trabalho está sendo feito, né?

A linguagem, essa coisa que a gente falou que a arte educa, é isso. Eu não preciso escrever uma tese sobre o Gurulino para que a ONU entenda que o Gurulino fala sobre isso. O próprio trabalho de arte deixa isso claro e eu fico muito feliz que isso esteja claro porque esse é o objetivo, né?

Criar uma arte que seja transformadora, que seja questionadora, que seja interessante, que seja agradável para as pessoas, que elas gostem, que seja cool, que elas se divirtam com aquilo... Mas que, ao mesmo tempo, estejam claros quais são os princípios éticos, morais e de futuro através daquele trabalho. E eu acho que a ONU entendeu isso e não só entendeu como me convidou para representar isso para eles, que é a entidade máxima no mundo que trabalha em direção ao mundo melhor e aos direitos humanos.

Então, fico muito feliz, é uma grande, grande, grande realização! E saber que vocês estão trabalhando, aproveitando esse trabalho da ONU, para levar para as escolas públicas, para os professores e para os alunos desenvolver trabalhos a partir

disso, para mim é muito satisfatório mesmo! Eu fico muito, muito, muito feliz! Agradeço muito por me contarem isso e tudo que eu puder ajudar nesse sentido, contem comigo! Eu tô aqui para fortalecer.

10. Fale para nossos/as leitores e estudantes como a arte pode estar envolvida na promoção dos ODS e na construção de um mundo melhor.

Pedro – Como a arte pode estar envolvida na promoção de movimentos pró-mundo, pró-humanidade, para uma vida melhor, para a natureza seguir existindo, para a gente viver num mundo mais saudável? Que é a proposta dos ODS. Como é que a gente faz para a arte estar dirigida na construção de um mundo melhor? Eu acho que é uma tarefa muito valente. Precisa ter muita coragem, muita disposição e muita vontade.

Falar isso pode assustar algumas pessoas, mas pode motivar bastante outras. No sentido de “cara, se você é artista, isso provavelmente vai te motivar”, porque é contracultura. E eu sei o quanto essas questões mais difíceis do mundo me motivaram também. Do tipo “não, cara, isso não está certo, vamos fazer acontecer o que a gente quer. Eu quero ver no mundo aquilo que eu tanto gostaria de tá vendo como público”. Eu acho que o artista tem um pouco disso também.

Eu sou público também, né? Muitas vezes sou parte do público, vou em exposições, vou em concertos, em teatro. Eu sou público de muitos artistas também. Mas eu sinto que eu como artista, quando eu vou observar o que eu estou fazendo, normalmente eu faço aquilo que eu gostaria de estar vendo num palco, numa exposição, na rua e não estou vendo.

Então, meus murais falam muito sobre aquilo que eu gostaria de estar vendo na rua e não estou vendo. O *outdoor* que eu gostaria de estar vendo na rua não existe, eu vou lá e faço. Então, a peça de teatro que você gostaria de ver e não viu, cara, talvez é você que tem que ir lá e fazer. Ela existe.

Se você tá vendo muita injustiça no mundo, se você tá vendo muita coisa que você não tá de acordo, talvez você tenha que ir lá e fazer o que você quer ver. Não só criticar ou não só simplesmente falar “ah, o mundo é assim”. Vai lá e faz. Por isso que o artista muitas vezes é considerado um



Imagem de Pedro Sangeon

sonhador ou uma pessoa muito utópica, mas só quem considera o outro utópico é quem não faz. É quem não entende o que quer dizer utopia. Utopia é uma referência para que você possa fazer. Então, quanto maior a utopia, às vezes é melhor, porque aí você consegue fazer muito mais.

Então, tenha em consideração de que, às vezes, o que mais falta no mundo é aquilo que você mais pode contribuir. Aquilo que você mais sente assim “nossa, falta tanto isso aqui no mundo”. Talvez isso aí é o que você mais pode contribuir no mundo. Então, vai lá e bota um pouquinho

disso no mundo. Seja como for. Não necessariamente pela arte, né?

Se você é uma bióloga, um biólogo, se você trabalha com matemática ou qualquer outra profissão, não deixe de estar sensível ao que falta no mundo. Porque aquilo que você sente que falta e te incomoda no mundo, principalmente em relação a caráter, a posturas de vida, a coisas que são importantes para a humanidade e que você sente que são benéficas para o mundo, para você ir para a sua comunidade e tá faltando, talvez é você que tenha que fazer. Vai lá e faz.



Imagem de Pedro Sangeon



Imagem de Pedro Sangeon